

APRESENTAÇÃO

Tempos e tempos atrás, quando os negros ganharam aquelas terras, pensaram que estivessem ganhando a verdadeira alforria. Engano. Em muito pouca coisa a situação de antes diferia da do momento. As terras tinham sido ofertas dos antigos donos que alegavam ser presente da libertação. E, como tal, podiam ficar ali, levantar moradias e plantar seus sustentos. Uma condição havia, entretanto, a de que continuassem todos a trabalhar nas terras do Coronel Vicêncio. O coração de muitos regozijava, iam ser livres, ter moradia fora da fazenda, ter suas terras e os seus plantios. Para alguns, Coronel Vicêncio parecia um pai, um senhor Deus. O tempo passava e ali estavam os antigos escravos, agora libertos pela “Lei Áurea”, os seus filhos, nascidos de “Ventre Livre” e os seus netos, que nunca seriam escravos. Sonhando todos sob os efeitos de uma liberdade assinada por uma princesa, fada-madrinha, que do antigo chicote fez uma varinha de condão. Todos, ainda, sob o jugo de um poder que, como Deus, se fazia eterno (EVARISTO, 2017, p. 42).

A *escrivência* de Conceição Evaristo nos fala sobre um dos destinos da população negra após a lei 3.353, de 13 de maio de 1888. Acesso à terra e à moradia, busca por autonomia e sobrevivência, são alguns dos problemas da liberdade negra no pós-abolição – e antes dele. Estas e outras interdições à liberdade foram atravessadas pela reconfiguração das políticas de domínio, pela ausência de reparação após mais de três séculos de iniquidades escravistas, pelos projetos de nação vitoriosos, enfim, pelas dinâmicas do poder e do racismo. A trajetória da autora demonstra a longa duração de tais problemas e interdições. No prefácio à terceira edição do livro, registrou: “Não só a condição de gênero vai interferir nas oportunidades de publicação e na invisibilidade da autoria dessas mulheres, mas também a condição étnica e social”.

Os silêncios sobre a existência da intelectualidade negra desde os tempos coloniais e seus projetos de abolição se inserem igualmente neste conjunto de questões do pós-abolição, da liberdade e da cidadania negra (PINTO; CHALHOUB, 2016). Nesse sentido, ante o “perigo de uma história única” (ADICHIE, 2009) e os efeitos do “epistemicídio” (CARNEIRO, 2005), a inclusão da História e da Cultura Afro-brasileira e Africana nos currículos escolares é uma luta histórica de negras e negros em movimento. Finalmente conquistada com a promulgação da Lei 10.639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, mais do que acrescentar conteúdos sobre a temática no currículo escolar, visa a reflexão sobre a pluralidade e a diversidade histórico-cultural brasileira, a construção de imagens positivas sobre a população negra e, por mais óbvio que pareça, a visibilidade de sua presença na construção daquilo que se chama Brasil.

A luz destas questões, o dossiê “130 anos de abolição da escravatura no Brasil: História, conflitos e resistências”, organizado por Áxsel Batistella de Oliveira e Chaline de Souza, mestrando e mestranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Passo

Fundo, traz instigantes colaborações. A busca pelo letramento atravessou as trajetórias da família de Ponciá Vicêncio, protagonista de Conceição Evaristo apresentada na epígrafe, e de muitas outras pessoas e grupos desde antes da Abolição. As interdições aos e nos espaços formais de ensino não se diluíram e ganharam novos contornos com a Abolição.

Desse modo, a partir de Florianópolis, Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fo, no ensaio intitulado “O navio negreiro do racismo religioso ‘reverso’ e a escola como porto inseguro” buscou “algumas possíveis relações entre racismo religioso e o falacioso ‘racismo reverso’, bem como a urgência em se fomentar uma educação inclusiva, laica e democrática que instigue as pessoas a, mais que tolerarem, abrirem seus caminhos ao *respeito* à diversidade religiosa”. Desde Salvador e do referencial decolonial, Carine Costa Alves estabeleceu como protagonistas, fios narrativos, de seu artigo “Centenário do Mestre João Pequeno de Pastinha: etnografia e reflexões sobre a Capoeira Angola” este “jogo/dança/luta” e seus participantes, enfatizando a ancestralidade, os fundamentos, e a filosofia de vida da Capoeira Angola. Como destacado pela autora, buscou “transgredir paradigmas colonizadores e ascender perspectivas que dão relevância às práticas ancestrais subjugadas no processo de colonização e na adoção de modelos eurocêntricos de análise”. Postura compartilhada pelo campo de estudos sobre o pós-abolição, concorre sobremaneira para possibilidades outras de escrita e ensino de História.

Intenção semelhante perpassou o artigo “A folia de São Tomé no quilombo Arapucu: cultura afro-brasileira resultante do deslocamento compulsório de escravos africanos para a Amazônia”, por meio do qual Leandro de Castro Tavares pretendeu “valorizar as histórias de práticas dos povos tradicionais e suas experiências” e construir “uma identidade positiva”. Para tanto, relacionou as folias e as práticas culturais na comunidade Arapucu, localizada no município de Óbidos, mesorregião amazônica do Oeste do Estado do Pará, por meio da História oral e documental. Na mesma região, Jéssyka Sâmia Ladislau Pereira Costa evidenciou as ameaças à mobilidade e à liberdade negra em tempos de escravidão na Província do Amazonas. Em “A trajetória de Catharina Maria Roza da Conceição e a escravidão ilegal no norte imperial”, atenta às particularidades de gênero, a autora se somou aos estudos sobre os problemas da liberdade antes da Abolição a partir de uso de trajetórias. Esta, aliás, tem sido uma das estratégias metodológicas mais utilizadas, porque profícua, nos campos de estudos sobre escravidão e liberdade desde sua renovação nos anos 1980, bem como nos estudos sobre o pós-abolição.

Giuseppe Emmanuel Lyra Filho em “Um caminho para a abolição: debates e embates em torno da Lei do Ventre Livre e sua aplicação na província da Paraíba” adentrou no mesmo

período estudado por Jéssyka Costa, porém a partir das discussões em torno do fim da escravidão no Brasil registradas na bibliográfica, em legislações e relatórios da presidência da província. Assim, por caminhos distintos, tanto um quanto o outro nos relembram o peso das estruturas, a despeito das agências e resistências, no processo que culminou com a Abolição. Por fim, Murillo Medeiros de Godoi e Marcos Delson da Silveira evidenciam a atualidade do debate em torno da resistência negra. Em “Escravidão, resistência e abolição” nos oferecem uma revisão sobre o tema “desde a vinda dos negros para América, suas formas de resistência ao processo escravocrata e a sua ‘liberdade’ em 1888”, ano no qual, segundo os autores, “o escravo ganhou a liberdade, mas não ganhou a condição de cidadão”.

Nas palavras da literata nigeriana Chimamanda Adichie (2009), “As histórias têm sido usadas para desapropriar e tornar maligno. Mas as histórias também podem ser usadas para dar poder e para humanizar. As histórias podem quebrar a dignidade de um povo. Mas as histórias também podem reparar essa dignidade quebrada”. As perversidades da escravidão e do racismo, portanto, não foram (e não são) o bastante para demover das pessoas sua humanidade e, com ela, valores, sonhos, resistências e esperanças. Dito isso, convido a quem chegou até aqui para, antes de adentrar nos artigos que compõe esse importante dossiê, acompanhar mais um trecho da trajetória de Ponciá Vicêncio:

O inspirado coração de Ponciá ditava futuros sucessos para a vida da moça. A crença era o único bem que ela havia trazido para enfrentar uma viagem, que durou três dias e três noites. Apesar do desconforto, da fome, da broa de fubá que acabara ainda no primeiro dia, do café ralo guardado na garrafinha, dos pedaços de rapadura, que apenas lambia, sem ao menos chupar, para que durassem até ao final do trajeto, ela trazia a esperança como bilhete de passagem, haveria sim de traçar o seu destino (EVARISTO, 2017, p. 32).

Uma boa leitura!

Profa. Dra. Melina Kleinert Perussatto, Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Chapecó/SC, Brasil

Referências:

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Conferência Anual, Ted Global, 2009. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt-br>. Acesso em: 03/12/2018.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*, 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

PINTO, Ana Flávia Magalhães; CHALHOUB, Sidney (orgs.). *Pensadores negros – Pensadoras negras: Brasil século XIX e XX*. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.